

## **JÁ NÃO ESTRANHAMOS MAIS NADA! Da necessidade da Cultura Ética (Bildung) em balizar os processos educacionais (Erziehung) segundo G. W. F. Hegel**

André Gustavo Ferreira da Silva – PPGEduc /UFPE

Socorro  
Arnaldo Antunes  
Socorro!  
Não estou sentindo nada  
Nem medo, nem calor, nem fogo  
Não vai dar mais pra chorar  
Nem pra rir...  
Já não sinto amor, nem dor  
Já não sinto nada...  
Socorro!  
Alguém me dê um coração  
Que esse já não bate nem apanha  
Por favor!  
Uma emoção pequena, qualquer coisa!  
Qualquer coisa que se sinta...

O ponto que aqui defendemos é: ressignificando o conceito hegeliano de estranhamento (Entfremdung), temos que o estranhamento é fundamental para o progresso ético da humanidade. Neste texto, deslocaremos a noção de Entfremdung de seu “lugar” original (a divergência entre espírito subjetivo e objetivo), associando-a à noção de não-apatia. Quando, então, perdemos a capacidade de estranhar, perdemos nossa capacidade de progressão ética. Sob esta ótica, não se deve aceitar a ausência do estranhamento, a ausência do distanciar-se, ausência que a tudo tornam natural e aceitável, que remete à ausência plena de uma resposta à pergunta: educar para quê? Haja vista que sem a alusão a uma concepção ético específica, mesmo imprecisa, esvazia-se a possibilidade da crítica perante os procedimentos educativos efetivos.

O trabalho defende que para Hegel, o educar (erziehen), ou seja, a ação do processo de instrução, capacitação e socialização dos saberes necessários para a vida em sociedade, é balizado pela cultura ética da mesma. A efetividade desse processo educacional (Erziehung) é a objetividade da cultura ética (Bildung) respectiva à sociedade. Isto é, a Bildung objetivada é a Erziehung.

Visando a defesa da tese acima levantada, o presente texto inicialmente discorrerá acerca da noção de Entfremdung, aqui sendo usada tanto como estranhamento quanto como alienação. Depois, abordará o conceito de Bildung, entendido como cultura ética, que também pode significar a educação moral manifesta nos costumes e hábitos de uma sociedade. Na sequência tratará da atualidade da noção de estranhamento em Hegel, relacionando-a com questões referentes à educação.

A vida objetiva é para Hegel a alienação-estranhamento do conceito subjetivo do espírito. Para o filósofo, a vida objetiva ao efetivar-se abandona a dimensão “espiritual subjetiva”, sendo desta subjetividade sua exteriorização, sua objetividade. Torna-se a “situação em contrário” (Gegenstand) objetiva (objektiv) estranha àquele espírito. Assim, o espírito objetivo coloca-se diante do subjetivo como o alienado (entfremdete) de si. Nessa exteriorização, é o outro oposto ao “espiritual

subjetivo”. A síntese da dialética entre espírito subjetivo e objetivo se dá no em-si e para-si da infinitude do espírito absoluto que concilia o movimento de subjetivação-alienação-objetivação. Não se reconhecendo no que é de si alienado, o espírito subjetivo se forma (bildet) em outro conceito e idealidade, objetivando uma outra realidade. Este movimento é o próprio desenvolver-se do espírito absoluto no tempo, a história universal.

Portanto, é terrivelmente trágico ao destino da própria humanidade que este estranhamento cesse, pois consigo cessará também a possibilidade de superação ética da própria vida em sociedade. Hegel (1998, p. 81) ironicamente adverte:

“Infeliz aquele a quem se lhe há alienado seu mundo imediato dos sentimentos, pois isto não significa senão que se lhe há roto os vínculos individuais, que unem de uma forma sagrada a alma e os pensamentos com a vida, a fé, o amor, a confiança!”.

A infelicidade do sujeito singular que vê os significados de seu mundo ruírem – por exemplo a infelicidade de Luis XVI diante da Revolução Francesa – corresponde á alegria absoluta do espírito que, no infinito movimento de si mesmo, se engendra enquanto outra subjetividade. Tendo alienado de si o mundo enquanto objetividade, o espírito gesta uma nova configuração subjetiva. Nesta gestação, o sujeito singular finito é arrastado por esse movimentar-se do espírito em sua infinitude. Todavia, por ser finito, é sua alma (Gemüse) e pensamento (Denken) que sofrerão a angústia da ruptura ética do mundo. Ou seja, é sobre o singular que a alienação-estranhamento do mundo se traduz como terrível sentimento, como trágica dor. Neste turbilhão que deve ser a passagem de um momento do espírito para outro, a efetividade objetiva do mundo já não é reconhecida também por esse sujeito singular. Como dissemos, é no seu sentir doloroso que este estranhamento-alienação se manifesta no plano da finitude singular: é o Luis XVI e todos os privilegiados hóspedes de Versalhes sofridamente estranhando o surgimento do novo ordenamento jurídico, da nova política econômica e dos novos costumes. E na concretude desse turbilhão, os Sans-culottes (assim como os servos na antiguidade) realizam o trabalho que constrói o novo mundo no qual o espírito se reconheça. Reconhecimento este que no plano da finitude singular se traduz no sentimento de grande euforia e prazer dos revolucionários diante da sociedade que surge. Deste modo, Hegel nos sugere que o movimentar-se inexorável do espírito em sua absoluta infinitude traz ao plano singular a concreta pluralidade de sentimentos antagônicos.

Todavia, não traz consigo a apatia. Palavra oriunda do grego *απάθεια* (apatéia) que literalmente significa o não-sentir.

As faces que a Bildung (enquanto educação, formação e cultura éticas) assume ao longo da história é o resultado dessa nova formação-educação do espírito subjetivo em resposta a uma dada alienação-estranhamento, que terá diante de si, como o outro que lhe é oposto, a objetividade que lhe corresponda. Hegel nos sugere que as transformações progressivas dos modos de cultura ética ao longo da história da humanidade é uma efetivação do progresso na consciência da liberdade. Ou seja, o desenvolvimento da cultura ética, a Bildung, é pautado pelo próprio desenvolvimento na consciência acerca da liberdade. Sugere também que o caminhar progressivo da humanidade é regulado pelo desenvolvimento do teor de universalidade das normas morais e éticas e pela progressiva incorporação dessas normas na vida em sociedade, conferindo-lhes um aspecto de necessidade. O progresso nos conteúdos universais – e a correspondente incorporação dessa universalidade de conteúdos na cultura ética ao longo da história - é o avanço da liberdade, pois as normas ao se aproximarem cada vez

mais de uma vontade racional, tornam-se cada vez menos a expressão das inclinações particulares. A uma nova configuração dessa subjetividade corresponde-lhe uma nova cultura ética, uma nova face da Bildung. Em suma, o movimento histórico do espírito leva consigo a Bildung.

Segundo o filósofo, o primeiro movimento da Bildung se dá com os gregos. Significando que é com os gregos que o espírito subjetivo porta consigo uma cultura que se manifesta enquanto educação e formação ética. Isto é, é a primeira manifestação do espírito subjetivo cuja determinação é pela liberdade, a determinação moral. Na Fenomenologia do Espírito, especificamente na célebre passagem do “Senhoril e Escravidão” (Hegel, 1996, § 195), o pensador trata do “bilden” da consciência-de-si, ou seja, expõe o processo pelo qual se forma a cultura ética correspondente a essa primeira figura da consciência-de-si. Neste processo, a ação do trabalho (Arbeit) corresponde ao momento crucial da formação da consciência. O trabalho efetivado pelo servo possibilita-lhe uma percepção que não cabe ao senhor: apreender-se como uma consciência oposta daquela que lhe está diante. O objeto produzido pelo trabalho do servo - e por ele desejado - lhe é negado por outra consciência que não a de si mesmo. Por conseguinte, o trabalho, sendo desejo contido, conduz a consciência a reconhecer uma outra consciência oposta a si. Contudo, não é por esta reconhecida. Via o trabalho, a consciência servil inaugura na vida subjetiva do espírito a consciência de “si”, que é passo fundante na consciência da liberdade. Pois, não há percepção da liberdade por quem antes não se percebeu a si mesmo enquanto “si” próprio. Através do trabalho se forma, então, a cultura ética (Bildung) dessa inicial figura da consciência-de-si. Isto é, via o trabalho, essa primeira figura da consciência-de-si tem seu primeiro educar-se na liberdade.

O trabalho representa uma dimensão importante para a Bildung não apenas no remoto mundo antigo, mas também no mundo contemporâneo ao filósofo. Na Filosofia do Direito, Hegel (2010 [A]: 2010 [B], §196 - §198) retoma a reflexão em torno da Bildung e do Arbeit. Agora, se referindo ao ambiente da sociedade germânica do início do Sec XIX - demarcada pela realidade da produção fabril e da emergente realidade do mercado - define o trabalho como a mediação que tem por finalidade forjar e adquirir os meios específicos para carências e necessidades específicas. Essa nova conformação confere a esses meios seu valor e sua intencionalidade, de tal forma que o homem em seu consumo, ou seja, na consumação de suas carências e necessidades, se relaciona com produções humanas, isto é, se relaciona com o próprio homem. Em seu aspecto teórico, essa moderna face da Bildung desenvolve-se na multiplicidade das determinações dos objetos que interessam: é a educação e cultura do intelecto em geral e, conseqüentemente, da linguagem. Em seu aspecto prático, a Bildung caracteriza-se, através do trabalho, pelas carências forjadas e pelos costumes e hábitos dos empregos e ocupações em geral, que ao todo constituem uma ordem de necessidade como que uma natureza inorgânica. Em outras palavras, o trabalho é a mediação cuja finalidade é produzir os elementos que satisfazem nossas necessidades. Ao produzir e consumir tais elementos o homem estabelece uma rede de relação com outros homens. Essa rede estabelece saberes próprios e um universo linguístico específico, com estruturas e significados, estabelecendo também comportamentos e atitudes necessários a manutenção dessa rede de relações. Isso tudo constitui uma cultura ética específica.

Contudo, o pensador também salienta que o desenvolvimento da Bildung não é um linear desdobramento do progresso ético: “o progresso da cultura ética não há de ser concebido por certo como o tranquila prolongamento de una cadeia, a cujas ligações anteriores se conectam os posteriores” (HEGEL, 1998, p.80). A dialética subjetivação/objetivação mediatizada pela alienação-estranhamento não segue um

impulso imanente, pelo contrário, seu sentido teleológico deve ser construído pelo homem em sociedade. Assim, é não se reconhecendo no processo de educação para vida social, que o espírito subjetivo avançará em seu conteúdo ético, formando-se (sich bildend) em uma nova cultura ética. Neste sentido, a Erziehung, o processo de educação pautado pela realidade da vida social, desempenha um papel de suma importância ao momento referente às objetivações do espírito: a Erziehung, como já anunciamos acima, objetiva a Bildung e posteriormente será estranhada pelo espírito subjetivo, que se forma enquanto Bildung.

Segundo o que nos escreve Hegel na Fenomenologia do Espírito (1992: 1996, § 28), a Bildung pode ser analisada por dois pontos de vista: o do indivíduo singular e o do espírito. Do ângulo do singular, a cultura ética é a educação moral que o indivíduo incorpora e que se expressa nos costumes e hábitos de sua sociedade, que se constituem para este uma natureza distinta da natureza da “fisis” e do mundo orgânico, uma natureza inorgânica (unorganische). Do ponto de vista do espírito, que é a substância, Bildung é essa substância se dando a si mesma sua consciência-de-si, e em si mesma produzindo seu vir-a-ser e sua reflexão sobre si mesma. Ou seja, do ângulo do espírito, a cultura ética a expressão do espírito para si mesmo e é a partir dessa cultura ética manifesta que ele reflete sobre si mesmo e assim pode vir a ter outra face. A objetividade dos costumes e hábitos é uma natureza determinada por carências humanas, é reino humano, no qual impera o arbítrio e a vontade dos homens. Sendo então uma “natureza” paralela, que difere daquela por estar à mercê da independência do livre arbítrio e da liberdade da vontade, essa natureza inorgânica para constituir-se precisa que os costumes e hábitos sejam ensinados ao indivíduo singular. Esse processo educação, instrução, capacitação e socialização dos conhecimentos indispensáveis para a vida em sociedade - processo aqui identificado pelo conceito Erziehung - envolve a família e a escola e é, em Hegel, a expressão objetiva da cultura ética.

Hegel por cerca de seis anos dirigiu uma das mais significativas instituições de ensino da Alemanha, o “Gymnasium” de Nuremberg. Instituição fundada por Philipp Melanchthon (reformista protestante auxiliar de Lutero) em 1526, sendo o primeiro ginásio alemão de humanidades<sup>1</sup>. Compreendendo que a Bildung digna do seu tempo é aquela que funda a cultura ética na liberdade e na autonomia do sujeito, estranha o processo mecânico de ensino-aprendizagem instituído pelo ensino mútuo inglês. Mesmo reconhecendo a necessidade do momento “mecânico” no processo educacional, cujo começo, nos primeiros anos da escola, o discente é conduzido quase que “mecanicamente” a apreender os conteúdos - “por mais que se queira fazer penetrar pelo espírito a aprendizagem dos conhecimentos elementares, o começo, tem contudo, que se processar sempre de uma forma mecânica” (1815 - Suhkamp e Colibri) - o filósofo manifesta seu estranhamento ironizando o processo de ensino mútuo desenvolvido na Inglaterra reconhecendo que “no momento ainda não estamos tão avançados em máquinas como a inventiva Inglaterra, onde, em uma escola, 1000 alunos são cuidados por um professor” (1979, p. 370: 1998, p. 125). Continuando seu irônico estranhamento, registra que nessa inventiva máquina, “recebem lições dos próprios alunos, e como uma série de várias filas de remadores, aprendem compassadamente todos ao mesmo tempo” (1979, p. 370: 1998, p. 125).

Percebe-se, pelo exposto que, pautado por sua percepção de cultura ética, isto é, Bildung, o pensador estranha a mecanização tecnicista proposta pelos ingleses. Isto nos leva a crer que muito mais estranharia se se deparasse com a realidade de nosso ensino pré-vestibular, atualmente pré-ENEM, onde tal qual remadores autômatos nossos

---

<sup>1</sup> Ver <http://www.melanchthon-gymnasium.de/schule/geschichte/schulgeschichte.html>

jovens seguem compassadamente memorizando fórmulas e conteúdos sem que se tenha a mínima possibilidade dos mesmos penetrarem em seus espíritos. Mais incômodo ainda deveria ser o estranhamento diante da formação universitária, esta já a muito, remando cadenciadamente a favor da correnteza do mercado. E estranhamento maior deveria ser se se deparasse com o fato de que os conteúdos de humanidades presentes nos currículos da formação universitária tenham sido substituídos por saberes mais ritmados com o compasso do mercado, ou mesmo, quando ainda existentes, percebesse que tais conteúdos são ministrados em aulas não presenciais, onde se exige do universitário, futuro profissional a ser lançado na vida em sociedade, que deveria ser pensada enquanto uma vida ética, que apenas preencha “on-line” algum fichário de respostas sobre aqueles mesmos conteúdos que deveria pautar a reflexão ética, política e histórica da sociedade na qual se inserem.

Se a máquina de ensinar britânica já causava espécie em nosso filósofo, o quão não lhe pareceria estranho que hoje nem se quer se tem a diluída presentificação do milhar de alunos, pois, a máquina de ensinar agora é digital, sua realidade está no plano virtual e neste novo universo se atinge milhões.

A Baviera na qual Hegel exerceu a direção do Gymnasium de Nuremberg ainda estava por atravessar o período das grandes transformações sociais decorrentes da expansão fabril que caracterizará a chamada “Revolução Industrial” alemã. Todavia, a realidade social daquela rica região da atual Alemanha, cuja riqueza se constituía de produção agrícola, manufaturas e atividades mercantis, já apresentava o dinamismo típico dos modernos agrupamentos urbanos, implicando no dinamismo da própria vida familiar. Assim, já se percebe a tensão que invade a vida familiar, obviamente, não comparada com as transformações pela quais passam a organização familiar de hoje, mas já apontando novas formas de constituição doméstica, onde cada vez mais se desmembrava o clã e se constituía o núcleo familiar dos cônjuges. Todavia, nem por isso, ou seja, nem pelo fato da família já estar em vias de transformação do seu núcleo tradicional, transformando consigo os papéis de pais e filhos, Hegel não deixava de estranhar a tendência dessas famílias em transferir para a escola responsabilidades que são suas.

No tocante à educação para a autonomia, que não deixava de ser, para Hegel, a meta principal do processo de formação, o filósofo pondera que “resulta difícil encontrar um caminho médio entre a liberdade excessiva, permitida às crianças, e a limitação demasiado grande da mesma. Se bem que ambas atitudes constituem um defeito, o segundo é certamente o maior” (1998, p.128). Mesmo sendo um crítico do iluminismo kantiano, Hegel não se afasta da ideia propagada pelo velho mestre de Königsberg de que a autonomia e liberdade são o terreno necessário para a construção de uma maioria intelectual e moral. No entanto, sua experiência de gestor, em cujo extenso rol de atribuições se encontram as cogentes conversas com os pais dos alunos, deve tê-lo alertado para o fato de que esses mesmos pais que assiduamente frequentam o gabinete do gestor são aqueles mais ausentes na tarefa de educar seus próprios filhos. Diante de tal realidade, o filósofo percebe uma estranha contradição, a de que “é mais fácil amar aos filhos que educá-los” (1998, p.128). O pensador estranha a não responsabilidade dos pais na educação moral de seus filhos. Em discurso a toda comunidade escolar do Gymnasium, na presença de pais e autoridades do governo, cobra a participação da família na tarefa de educar eticamente seus jovens: “apoiemo-nos mutuamente, pais e professores, com vista á cultura ética dos alunos; mediante esta visão podemos esperar ver coroado com o êxito nosso trabalho de educá-los para que cheguem a ser homens hábeis, capazes e com sensibilidade moral” (1998, p.129).

É bem verdade que, da época da Baviera do “König Max” aos dias de hoje, a família mudou bastante. Novas formas de união afetiva, a maior dinâmica na reconfiguração dos casais (cujos parceiros já trazem consigo seus respectivos filhos), a maternidade na adolescência e tantos outros fatores desconstróem o já tradicional modelo pai-mãe. Além do que, e em particular nos países e regiões com alto índice de pobreza, aqui incluídos tanto o nordeste quanto as periferias dos grandes centros urbanos do sudeste brasileiro, o núcleo familiar gira em torno exclusivamente da responsabilidade materna: uma matriarca que aglutina em torno de si suas filhas, cujos filhos são seus netos. Essas novas configurações na unidade familiar contribuem positivamente para que a mulher assumira cada vez mais seu papel de protagonista desconstruindo, por sua vez, as relações de poder centradas na figura masculina. No entanto, o que deve causar estranheza não é o abandono do modelo tradicional de família, pois este já não corresponde às novas formas de socialização dos afetos, de formação de casais e do papel da mulher na sociedade. O que deve estranhar é que na cultura escolar atual essa nova família não é acionada à tarefa que também é sua: a educação ética de seus filhos. O que se deve estranhar é que a escola e família sejam concorrentes, que não sejam parceira nesta tarefa. Segundo Hegel “a escola compartilha com a família a vida da juventude; é sumamente importante que não se obstaculizem mutuamente, que uma não debilite a autoridade e a estima da outra, antes mais se apoiem e colaborem entre si para alcançar o fim comum, tão importante.” (1998, p.108).

#### PARA CONCLUIR

Ao longo do texto operamos um proposital deslocamento no conceito de *Entfremdung*. Pois, se em Hegel, o conceito se refere à relação discrepante entre espírito subjetivo e objetivo, aqui, estamos trazendo-o associado à ideia de não-apatia. Contudo, o que queremos salientar com esse deslocamento é que a não-apatia, o estranhamento, pressupõe a filiação a um conjunto ético normativo que funda axiologicamente a crítica ao mundo objetivamente posto. Assim, o não sentir nada, isto é, imergir no que os gregos danominavam de a-patéia, especificamente no que se refere ao não estranhamento diante da realidade da educação, cuja efetividade envolve a família, a escola, as políticas de governamentais, a educação universitária e outros, corresponde à perda da possibilidade de avançar para outras manifestações de realidade. Pois, segundo Hegel, sem tal estranhamento, sem que se coloque tal realidade como o “outro diante de nós”, não a teremos como objeto (*gegenstand*) de nossa reflexão, não a teremos como objeto de crítica, pelo contrário estaremos imersos nela como o não-humano (o animal) se encontra incerido na natureza: determinado por uma ordem necessária, uma determinação exterior a si mesmo.

Contudo, em Hegel esse estranhamento diante de como se efetiva a *Erziehung* pressupõe uma *Bildung*. Em outras palavras, para o afastamento crítico diante da realidade dos processos de ensino aprendizagem é necessário o balizamento por um conjunto de princípios que componham uma proposta de cultura ética. Sem o lastro de um ideário ético, um conjunto ético normativo, a objetivação enquanto realidade dos processos de ensino aprendizagem não poderão ser “estranhadas”, isto é, não poderemos aliená-las, para neste afastamento, neste não reconhecimento, apontar-lhe os pontos nodais e divergentes de um projeto ético.

O pensamento hegeliano sugere que o resultado do processo da constituição subjetiva do espírito é a *Bildung*, formação e cultura éticas, processo que se pauta pelo progresso da liberdade. O estranhamento diante da realidade objetiva da vida em sociedade conduz o Espírito Subjetivo a constituir um outro momento da consciencia

que, por sua vez, corresponderá a uma outra configuração da Bildung, a objetividade dessa nova configuração da Bildung se dará via um outro processo educacional, com sua correspondente educação familiar, sua nova realidade escolar e sua respectiva política de governo, em suma: à uma nova configuração da Bildung corresponderá uma nova Erziehung objetiva. Ou seja, a constituição de uma cultura ética enquanto a educação ética de uma sociedade se objetiva nas formas pelas quais se dá o processo educacional desta mesma sociedade. Significando que a objetivação de uma cultura ética se dá na realidade escolar, na relação família-escola e nas políticas governamentais para a educação. É neste sentido que se tem a necessidade da constituição de uma cultura ética a balizar os processos de educacionais, pois é do ponto de vista dos valores éticos vivenciados que se estranhará a efetividade desses processos.

Não estamos aqui defendendo um retorno à metafísica hegeliana como o paradigma de compreensão da realidade. Pois, segundo Hegel (1970, p.32: 1995, p. 29: § 385), o espírito absoluto é o desenvolvimento do espírito enquanto “em-si e para-si existente e eterno produzir-se da unidade da objetividade do espírito e sua idealidade ou seu conceito”. Reserva consigo a antinomia liberdade-necessidade. No entanto, “na forma da relação a si mesmo - é-lhe dentro dele a totalidade ideal da ideia. Isto é, o que seu conceito é, será para ele e este lhe é seu ser consigo, isto é, ser livre – [é] espírito subjetivo”. E, “na forma da realidade enquanto um mundo produzido e a produzir a partir dele, no qual a liberdade é como necessidade presente, [é] espírito objetivo”. O espírito objetivo, então, corresponde enquanto relações necessárias efetivas ao conceito da liberdade próprio do espírito subjetivo. Infelizmente, já não trazemos conosco tamanha crença na imanência da liberdade em relação à teleologia da história humana.

Todavia, com Hegel, aqui, intenciona-se trazer a baila a provocação de suas reflexões no que concerne a questão da relação entre formação humana - entendida como formação de uma cultura ética - com a realidade político-pedagógica dos processos educacionais. Procura-se então, provocar que, sem a referência a um projeto ético, mesmo que difuso, perde-se a capacidade de distanciamento crítico diante dos processos educacionais vigentes. Isto é, sem uma proposta do “por que educar”, ou seja, do “educar para este ou aquele modelo de vida ética, de vida em sociedade”, a questão do “educar para quê?” perde todo e qualquer sentido. Fato que nos condenará, em relação aos caminhos da educação, a não sentirmos mais nada...

Nem medo, nem calor, nem fogo  
[Nem] amor, nem dor  
Não vai dar mais pra chorar  
Nem pra rir...

#### BIBLIOGRAFIA:

1. HEGEL, G.W.F. Linhas fundamentais da filosofia do direito, ou, Direito natural e ciência do Estado em Compêndio. Trad. Paulo Menezes... [et al.]. São Leopoldo (RS), Ed. UNISINOS. 2010. [A]
2. \_\_\_\_\_ Grundlinien der Philosophie des Rechts (ohne Fussnoten). cosmoedu.net USA <maindesk3@cosmoedu.net> (cosmoedu.net USA). 2010/02/20 10:17:11 -03'00'. 2010 [B]
3. \_\_\_\_\_ Fenomenologia do Espírito. Trad. Paulo Menezes. Vol. I e II Petrópolis: Vozes. 1992.
4. \_\_\_\_\_ Phänomenologie des Geistes. Frankfurt am Main: Suhrkamp. 1996.
5. \_\_\_\_\_ Escritos pedagógicos. México: Fondo de Cultura Econômica. 1998.

6. \_\_\_\_\_Nürnberger und Heidelberger Schriften 1808-1817. Frankfurt am Main: Suhrkamp. 1979.
7. \_\_\_\_\_Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften III. Frankfurt am Main: Suhrkamp. 1970.
8. \_\_\_\_\_“Enciclopédia das Ciências Filosóficas III – A Filosofia do Espírito”, trad. Paulo Meneses, São Paulo, Loyola, 1995.
9. \_\_\_\_\_Filosofia da História. 2a Ed. Brasília: UNB. 1999.